

Comunicação, Informação, Biblioteca: uma abordagem integradora - um questionamento

Communication, information, library;
an integrated approach

MARY STELA MUELLER *

Destaca o papel da comunicação na evolução e transformação das sociedades. Apresenta uma visão conceitual da comunicação e da informação e suas relações com o universo simbólico erigido pelo homem para o homem. Situa a biblioteca como uma extensão da necessidade humana de registrar e manifestar sua própria existência; e de sua urgência em transcender o tempo e atualização dessa instituição. Questiona a posição da biblioteca como meio facilitador e mantenedor de idéias/informações, dada sua relação signica com seus públicos. Destaca a importância do profissional bibliotecário no processo de inter/ação entre a biblioteca e a comunidade.

COMUNICAÇÃO, CONHECIMENTO E CULTURA

A comunicação — entendida como algo que um indivíduo concebe, codifica e emite intencionalmente para obter de outrem uma reação — é, por natureza,

* Professora do Departamento de Biblioteconomia da Univeridade Estadual de Londrina.

um fenômeno dinâmico, uma vez que exige dos seus agentes uma permanente atividade psicossocial, no sentido de se adaptarem às mudanças que o processo opera no ambiente; entre o discurso interno do sujeito e a relação com o outro.

O âmbito da comunicação é tão variado como são os meios de suas manifestações: vai desde simples ordens como "Faz!", "Para!", "Vai!" — que podem ser transmitidas por meio de palavras, gestos, por sinais gráficos ou de luz através de significações convencionais — até as expressões mais elevadas e específicas da essência humana: as grandes obras da literatura e do teatro, da pintura e da escultura, da música, etc.

A comunicação não é um fenômeno isolado, nem contemporâneo. Ela é uma necessidade básica do ser humano, do homem social.

Como atividade humana tem desempenhado um papel vital na transformação das sociedades. Sem a comunicação não haveria sociedade e nem sociedade sem a comunicação. Sendo assim, é preciso pensá-la sempre como um fenômeno estritamente integrada aos processos culturais: através da comunicação os homens compartilham o conhecimento, a informação, a experiência e assim podem compreender, persuadir, converter, controlar, eliminar ou se irmanar...

Não se pode esquecer, porém, que a comunicação é um processo que depende, para sua efetivação, de um "emissor" e de um "receptor". É, por isso mesmo, um processo que marca a necessidade humana de expressão e relacionamento, e portanto, sujeito aos contextos simbólicos de toda uma sociedade. Conseqüentemente, a comunicação é ao mesmo tempo um fenômeno e uma função social.

Dentro desse prisma, pode-se dizer então, que cada nova geração, no processo de conhecimento e transfor-

mação humana, é o receptor dos valores sociais e culturais da geração antecedente — no caso a emissora — cabendo aos primeiros aceitá-los, ou rejeitá-los, modificá-los e/ou ampliá-los: o homem tem diante de si toda uma herança de ideais — a escolha, a seleção e a discriminação dela a ele compete, tendo sempre como base o repertório já existente.

E, dentro desse processo de evolução, o homem desenvolveu e/ou aperfeiçoou formas de adquirir novos conhecimentos (por exemplo, o método científico), inventou instrumentos cada vez mais flexíveis e eficientes para utilizá-los (tecnologias). Tanto é assim, que hoje, as sociedades, de maneira geral, estão ligadas a uma vasta e complexa rede de comunicações: através do rádio, da televisão, do telefone, etc. tem-se a possibilidade, pelo menos em teoria, de se saber quais acontecimentos estão acontecendo em qualquer parte do mundo, quase que no momento de sua ocorrência, ou até mesmo antes em função do fuso horário (afinal os meios massivos comunicam informações dos que detêm o poder).

Evidentemente, os primeiros homens, as primeiras sociedades não tinham ao seu dispor essas disponibilidades de comunicação, considerando-se que a própria linguagem escrita surgiu relativamente há muito pouco tempo na história da humanidade. E, sendo assim, é observável que o “aniquilamento das distâncias” constitua um acontecimento mais recente ainda e, por conseguinte nas sociedades, visto que estão estreitamente associados a uma seqüência de desenvolvimentos tecnológicos como, por exemplo: o trem de ferro, o barco a vapor, o automóvel, o avião, todos pertencentes à história dos transportes, mas cujas influências nas comunicações têm sido profundas e de longo alcance; e outros como o telégrafo, o telefone, o fonógrafo, o rádio, a televisão (pertencentes à comunicação) que deram uni-

dade ao mundo de forma sem precedente, chegando-se até a questionar a Sociedade Unidimensional da qual reclama Herbert Marcuse.

Porém, foi talvez a imprensa de tipos móveis que assinalou a primeira revolução, no campo da comunicação, desde que se inventou a escrita, há uns cinco mil anos antes. O resultado de se poder copiar livros (idéias/informações), relativamente depressa e sem grandes dispêndios, foi levar o saber e a discussão para fora dos limites até então, do clero, dando oportunidade, pelo menos teoricamente, a todos quanto pudessem ler, ou aprender a ler.

Vale lembrar que antes da locomotiva a vapor ser inventada, a maior velocidade a que um homem podia chegar era determinada pelo cavalo; a maioria das pessoas vivia e morria onde tinha nascido; e que antes da invenção da imprensa os livros eram relativamente poucos, o analfabetismo condição normal entre ricos e pobres e por isso mesmo a palavra falada, constituía o meio de comunicação mais importante.

Diante desse quadro não é de se admirar que as novas tecnologias que introduzidas na época na vida daquelas sociedades transformaram e aceleraram todo o ritmo da vida de então: os conhecimentos e as idéias que ali existiam foram levados por meio dos livros impressos a toda parte; as pessoas passaram a ter maior possibilidade de deslocamento e contato. E, à medida que podiam eventualmente se movimentar com facilidade, liberdade e rapidez até então desconhecidas, as velhas diferenças entre as capitais e províncias, cidades e campos, principiaram a desaparecer: as culturas se mesclaram, e em certos casos até mesmo desapareceram. A essas mudanças deve-se acrescentar ainda o aumento no índice de alfabetismo, conseqüência indireta do crescente processo de industrialização.

Alargaram-se as fronteiras. Aquilo que a locomotiva e o barco a vapor iniciaram foi continuado por aperfeiçoamento cada vez mais acelerados. O trem transformou a cidade local e capital regional e fez da metrópole o centro da comunicação e da cultura (massiva). E hoje as modernas tecnologias estão a substituir o que é meramente metropolitano pelo que é internacional, pelo transnacional.

Também a imprensa foi uma das responsáveis pelo alargamento de fronteiras — materiais e não materiais — exemplo disso são as obras de Darwin, Freud, Nietsch e Marx, cujos conteúdos explosivos ultrapassaram fronteiras, passando a exercer influência quase imediata na literatura, nas artes, filosofia e ciências contemporâneas.

O certo é que o desenvolvimento do modo de produção capitalista trouxe consigo o alargamento das forças produtivas; o avanço técnico empurrou os sistemas de comunicação a um estágio tão sofisticado quanto já vinham experimentando os meios de produção material clássico. E, nesse contexto, a informação revela-se, então, um poderoso instrumento político de poder e, os meios de produção e distribuição da informação, por decorrência, como pilares fundamentais à sustentação e ao exercício desse poder.

Na verdade, pode-se dizer que assim como a industrialização criou o mercado de consumo e a necessidade de alfabetização criou-se também, a necessidade de informações sintéticas para um grande público (ou massa): livros e jornais, no século passado; o cinema, o rádio e a televisão neste século, sendo que cada um desses meios e todos eles em conjunto determinaram e determinam modificações globais de comportamento das sociedades. Segue-se, daí, o interesse crescente pelos problemas de comunicação e a necessidade de maior precisão na emissão e veiculação de mensagens.

COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO

Se a comunicação, considerando o já exposto, pode ser entendida como a interação social através de mensagens, pode-se dizer então que toda comunicação visa a estabelecer relações e experiências, ou seja, tem por objetivo uma troca de informação (inicialmente entendida, a grosso modo, como um acréscimo de sentido) entre uma entidade (fonte) e outra (receptor). Todavia, o comunicar, o expressar fatos, idéias, experiências, conceitos, etc. pressupõem o domínio de códigos (um acréscimo ao repertório) e o acesso aos conteúdos. Logo, pressupõe o manejo de informações. E, por extensão, o acesso e utilização de sistemas de informação a partir de uma linguagem e, portanto, de um código comum.

De outra forma, se se considerar que a idéia de informação está associada à idéia de seleção e escolha, ou que a noção de informação está ligada à noção de ordem e estrutura e sua ausência com desordem, pode-se dizer então que a informação está condicionada à dúvidas. Como diz PIGNATARI: "só pode haver informação onde há dúvida e dúvida implica na existência de alternativas — donde escolha, seleção e discriminação". Segue-se daí que "não há informação fora de um sistema qualquer de signos e sinais e fora de um veículo ou meio apto para transmitir esses sinais" (16).

Isto posto, tem-se claramente a descoberto, o estreito vínculo existente entre informação e comunicação, uma vez que ela (informação) em si mesma nada significa, nada tem de informação se ninguém é informado, ou se a informação recebida não for compreendida por quem a recebe. Por conseguinte, o acesso à informação, seu manejo, utilização, aplicação, etc dependem e dependerão

sempre do domínio dos códigos/linguagens por meio dos quais se transmitem e, portanto se configuram as informações, evidentemente através de um dos mídia.

Ressalta PIGNATARI que “os homens e os grupos humanos, só absorvem a informação de que sentem necessidade e/ou lhes seja intelegível” (16). Assim, não é a quantidade de informação emitida o aspecto mais importante para a ação, mas antes, como afirma WIENER, ‘a quantidade de informação capaz de penetrar o suficiente num dispositivo de armazenamento e comunicação, de modo a servir como gatilho para a ação’ (16).

Por outro lado, considerando-se que um dos aspectos fundamentais e evidenciadores do grau de civilização das sociedades é, como afirma SARACEVIC, “a qualidade de informação disponível para seus membros (individualmente ou em grupos) quando confrontados com diferentes problemas”; e que o nível de vida dessas sociedades “é caracterizado pelo critério de uso daquela informação para decidir a respeito de seus problemas”, tem-se, então, que o processo de conhecimento e, portanto, o progresso cultural é dependente do aumento do repertório informativo e da abertura do leque de seleções (aumento da capacidade seletiva) (17). E isto é possível através da assimilação das informações e conseqüente criação de significados e até dos conceitos.

O que se observa, entretanto, é que as pessoas, na sua maioria, têm apenas uma compreensão intuitiva do que seja informação — ‘a fim de sabermos, não há necessidade de sabermos o que sabemos e muito menos saber que sabemos o que sabemos’ (Spinoza) — e que é com esse entendimento que dia-a-dia focalizam os sistemas de informação e fazem uso de suas produções: a rigor, não se sentem sequer estimulados a consumir informações, a aumentar o conhecimento, a aprofundar a reflexão... Daí, à adoção de uma postura seletiva

tem-se um longo caminho, via de regra, obstacularizado por fatores econômico-culturais e suas derivações político-sociais que dificultam e/ou impedem uma ação mais dinâmica neste sentido.

Dessa forma, estimular a busca de informações, a procura de subsídios que possibilitem o desempenho do homem em sua plenitude social, é um desafio que precisa ser enfrentado já que tal ação implica em mudança de comportamento e atitudes frente aos sistemas de informação; implica em educar (questionar cognitivamente), os indivíduos para consumir/dominar/refletir a informação que está disponível nos meios de comunicação. E este é um trabalho que requer uma ação conjunta de profissionais das mais diferentes áreas, particularmente daqueles que atuam no campo da comunicação/informação, como é o caso do bibliotecário.

COMUNICAÇÃO, INFORMAÇÃO, BIBLIOTECA

Considerando as reflexões anteriormente expostas tem-se claro que a cultura, o conhecimento e a comunicação são interdependentes e transmitidas através dos símbolos — sinais esses, criados pelo homem como forma de registrar e manifestar sua própria existência.

Diante disso, é passível dizer-se que das atividades do homem num universo simbólico de sua própria criação vêm a biblioteca e conseqüentemente sua conceituação — que segundo as concepções mais recentes, deveria transcender o tempo e atualizá-lo por intermédio dessa instituição. Assim sendo, é perfeitamente racional situar a biblioteca como um dos meios mais antigos de comunicação — no sentido de instituição facilitadora e mantenedora dos produtos das idéias/informações — num sistema próprio de fonte à disposição do usuário, muitas vezes o decodificador ativo do processo.

Hoje, no entanto, se sobrepondo a idéia de biblioteca como uma forma de armazenamento e/ou organização do saber, a biblioteca no contexto da modernidade é, preferivelmente, uma rede de serviços de informações onde cada biblioteca — sozinha ou em cooperação — deve atuar como canal de distribuição central entre o desenvolvimento histórico da informação e do conhecimento em relação ao usuário da informação (no sentido mais amplo possível) e o conhecimento.

É fato inconteste que “o trabalhador” com informações não constitui uma tarefa simplista uma vez que as necessidades de informação são tão diversas e complexas quanto as variáveis e problemas que interferem no processo de comunicação entre a biblioteca e seus diversos públicos, e que muito frequentemente são responsáveis pela incomunicabilidade entre ambos.

Vale lembrar que a comunicação não é apenas resposta a um estímulo (psicologia), mas sim a **relação** (linguagem) estabelecida pela transmissão de estímulos e provocações de respostas; significa a partilha de elementos ou modos de vida e comportamentos, por virtude da existência de um conjunto de sistemas de signos ou sinais e das normas e regras que os relacionam, ou seja: das linguagens empregadas.

Assim, como ninguém pode empregar uma palavra que não conste de seu repertório, também não pode pautar sua conduta por esquemas de comportamento externos à sua formação e condição. Isto é, o indivíduo ou grupo pode até não desconhecer outras formas de comportamento, mas elas carecem de um significado prático; são ininteligíveis dentro do seu repertório e de sua linguagem de comunicação social, daí porque a incomunicação.

Assim sendo, de nada adianta o esforço exagerado de bibliotecários em manter impecavelmente organizados os acervos das bibliotecas — principalmente no que se refere ao processamento técnico — dado que a relação signífica das bibliotecas com seus públicos é, no mínimo, sofrível porque freqüentemente não são compreendidas por aqueles.

Na verdade, a biblioteca é ainda percebida, por grande parcela da sociedade, como símbolo de poder e erudição, fato este pouco surpreendente, quando se considera a realidade brasileira, particularmente o campo educacional no seio da cultura.

Apesar desse quadro pouco animador, o que se observa é que, infelizmente, são poucas, ainda, as bibliotecas que estão a encarar a problemática de frente. Na verdade o que se constata é que bibliotecas e bibliotecários, em sua maioria, teimam, ainda, em manter à tona a velha atitude de encarar o conhecimento como algo pronto a ser adquirido, consumido e reproduzido. Esquecendo-se (ou ignorando?!) que o conhecimento se transferido ao homem como coisa acabada definitiva e como verdade inquestionável é, de fato, um componente alienante e esterilizador da criatividade. E, por isso mesmo, escraviza em vez de libertar.

Vale lembrar que o conhecimento é um processo que envolve uma relação dialética entre ação e pensamento. É nesse contexto, a biblioteca só terá sentido se for causa e efeito de transformações. Mas, para isto, é imprescindível que ela desenvolva uma "linguagem comum" com seus públicos e que o bibliotecário seja um habilidoso intérprete do processo de inter/ação entre a instituição e a comunidade.

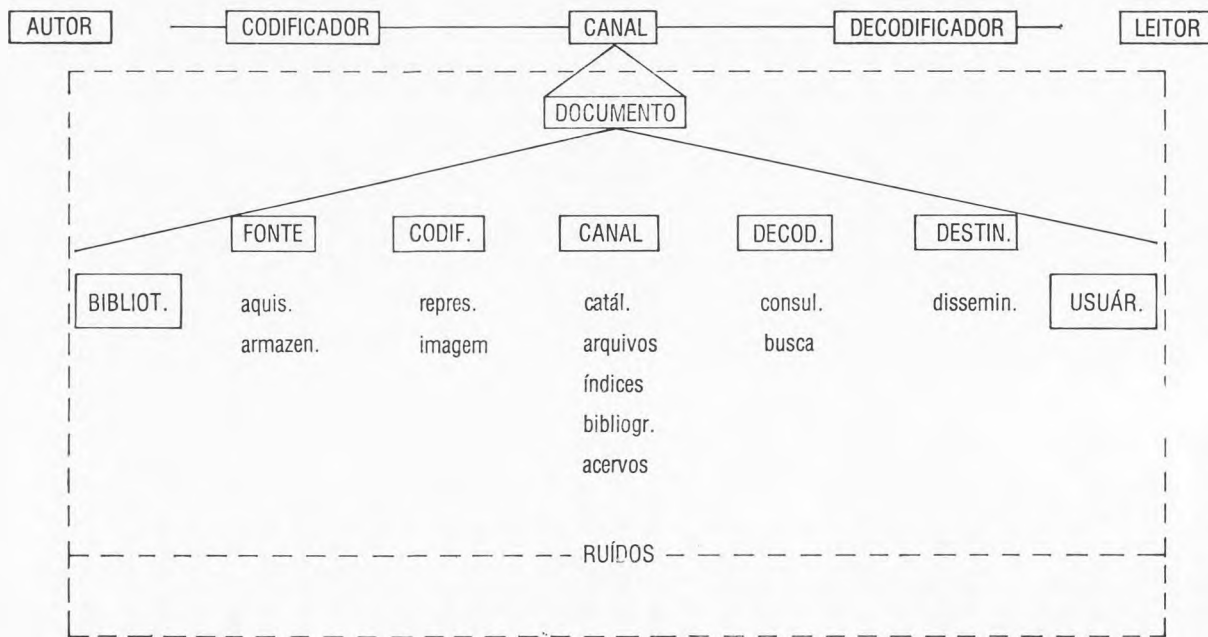
BIBLIOTECÁRIO: UM PROFISSIONAL DA COMUNICAÇÃO?!

A biblioteca, face ao papel que lhe atribui a sociedade atual, não pode mais continuar a ser somente uma instituição de "mão-única", onde o bibliotecário, tendo o "poder" sobre o conhecimento/informação ali "estocados", "concede" seu uso aos indivíduos interessados; não pode mais permanecer como um espaço comprometido com a cultura guttembergiana (basta considerar o número de analfabetos e semiletrados do país!); ela precisa "abrir-se" para a participação ativa e efetiva da comunidade (leitores e não leitores, usuários e não usuários, etc.). E desnecessário é frisar a importância que representa o desempenho do profissional bibliotecário na consecução destes objetivos.

É preciso, para tanto, e antes de mais nada, como destaca VIEIRA, que o bibliotecário se conscientize que "o objeto de sua profissão é a informação e que ele tem um papel catalizador/difusor do conhecimento dentro da sociedade, advindo daí seu grande potencial político como agente de transformação social" (21). Ou seja, é preciso que ele deixe de ser um simples curador de acervos de bibliotecas e se transforme em um agente efetivo da comunicação entre a biblioteca e os seus públicos, entre a informação e os usuários.

Acredita-se que um primeiro passo em direção a uma nova postura deva começar por enfatizar a função de comunicador que a profissão de bibliotecário pressupõe e se lhe apresenta: seu papel de comunicador está em ser o intermediário da informação registrada. "Ele é o comunicador mas não autor de nenhum documento, nem mesmo responsável pela natureza da informação. Ele é o intermediário entre a informação e o destinatário" conforme se vê no quadro 1, e diante do

PROCESSO DE COMUNICAÇÃO DA INFORMAÇÃO REGISTRADA



Fonte: (7)

qual se pode entender o papel de comunicador como caráter intrínscico à profissão de bibliotecário (7).

No entanto, é preciso lembrar que a comunicação, sendo uma entidade de largo espectro, pode ser processada através dos mais variados meios e contextos simbólicos. Assim sendo, a comunicação entre biblioteca e os públicos não se efetiva, evidentemente, por meio apenas de serviços; a imagem que grande parte dos públicos tem da biblioteca é projetada também pelo pessoal que nela atua. Daí a importância de uma postura crítica e consciente no que tange a valores e comportamentos dos profissionais de biblioteca, isto face ao largo papel social que se lhes atribui qualquer sistema de informação e perante o qual se compreende a preocupação de VIEIRA quando diz: "enquanto o bibliotecário restringir o escopo de sua profissão ao tratamento de suportes materiais de informação (ou da informação mesma, porém apenas com fins de arquivamento perfeccionista) sua área de atuação será pobre, seu campo de trabalho limitado, não valorizado socialmente..." (21).

Interagir com o meio deve ser a meta, mas para isso, talvez, seja necessária a adoção de uma postura administrativa mais moderna, uma visão gerencial mais "agressiva" de sorte a romper o distanciamento (a incomunicação) tão facilmente verificável entre biblioteca e comunidade. É possível que através do "diálogo" com seus públicos, bibliotecas e bibliotecários, unidos num ideal de transform/ação, possam reverter o atual quadro da maioria das bibliotecas, particularmente as públicas.

Sabe-se, entretanto, que diálogo antecipadamente pressupõe interação/relação entre fonte e receptor, no caso, entre biblioteca e seus públicos. Mas, certamente, isto só ocorrerá se forem desenvolvidas estratégias de ação que estimulem efetivamente a comunicação entre

as partes — biblioteca e públicos, públicos e biblioteca — favorecendo, assim, o estabelecimento de uma “linguagem comum” (comunicação) no que tange à decisão / ação / transformação, influenciando-se mutuamente e, juntos, modificando o contexto onde se inserem.

CONCLUSÃO

Dentro do conceito que destaca a interação direta entre usuário (públicos) e informação, figura a biblioteca como uma agência de transformação social e o bibliotecário como “facilitador” do processo de comunicação entre a instituição e seus públicos, cabendo-lhe neste contexto, o importante papel de agente de mudanças.

Mas para isso ele deve estar capacitado a planejar, ou seja: diagnosticar a situação presente e prever sua evolução buscando ir ao encontro de propósitos determinados. E neste sentido, o planejamento precisa ser legitimado pelos usuários, isto é, precisa estar assentado nas necessidades sentidas ou latentes da comunidade em seus diferentes segmentos — inter/ação.

Certamente que esta situação induz à uma nova mentalidade organizacional e pressupõe a introdução de mudanças na maneira de pensar e agir de toda a biblioteca, principalmente do bibliotecário, que deve estar consciente de que, a “sobrevivência” e o desenvolvimento da biblioteca são dependentes de sua própria adequação ao meio e da adoção de métodos e técnicas que possibilitem sua otimização.

Acabar com velhos e conhecidos estereótipos com os quais bibliotecas e bibliotecários são geralmente identificados, ou mesmo mitificados, não se pode negar, é uma tarefa árdua e complexa, como também o é, o desafio assumido por aqueles profissionais bibliotecários que acreditam ser necessário mudar — mudar para crescer,

mudar para firmar um espaço de direito já obtido e conquistado, mas "de fato", pouco preenchido; mudar para que a biblioteca seja realmente reconhecida e aceita como uma fonte aberta e de "abertura", tanto para o indivíduo como para a sociedade.

De nada adianta a biblioteca situar-se, dentro do ponto de vista teórico, como um dos poucos modelos ideais de comunicação existentes, se, na prática, a maioria dos indivíduos/receptores não consegue sequer "decodificar" suas próprias necessidades de informação, como entender, então, a biblioteca?!

With emphasis on the role of communication in the evolution and transformation of societies, a conceptual vision is presented on communication and information and their relationships with the symbolic universe created by man for man. The library is located as an extension of the human need to register and express its own existence and to transcend time. The role of the librarian as the medium to help and maintain ideas/information is questioned, due to his relationship with the public. The librarian's importance in the interaction process between library and community is stressed.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BELTRAN, L. Q. Adeus a Aristóteles: Comunicação horizontal. **Com. & Soc.** São Bernardo do Campo, v. 3, n. 6, p. 5-36, set. 1981.
 2. BONSACK, F. Pode a informação ser objetivada e matematizada? In: O CONCEITO de informação na ciência contemporânea. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970. p. 180-198.
 3. BORDENAVE, J. E. D. **O que é comunicação.** 11 ed. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- R. Esc. Bibliotecon. UFMG, BH, v. 19, n. 1, p. 7-23, mar. 1990

4. CARVALHO, K Comunicação impressa, biblioteca, contexto social. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 16, n. 1, p. 41-44, jan./jun. 1987.
5. COELHO NETO, J. T. A biblioteca como modelo de sistemática de comunicação. **R. Bras. Bibliotecon. Doc.**, São Paulo, v. 11, n. 11, n.1/2, p. 29-32, jan./jul. 1978.
6. ————. **Semântica, informação e comunicação**. São Paulo: Perspectiva, 1980.
7. DUARTE, A. M. et al. O bibliotecário como comunicador. In: ENCONTRO DE PROFESSORES E ALUNOS DAS ESCOLAS DE BIBLIOTECONOMIA DO ESTADO DE SÃO PAULO, 3, Campinas, 1973.
8. LEMOS, A. A. B. Bibliotecário; profissional da informação. **ABDF Bol. Inf.**, Brasília, v. 1, n. 2, p. 3, abr. 1988; v. 1, n. 3, p. 3, maio 1988; v. 1, n. 4, p. 3, jun. 1988.
10. MARTELETO, R. M. Informação; elemento regulador dos sistemas, fator de mudança social ou fenômeno pós-moderno. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 16, n.2, p. 169-180, jul./dez. 1987.
11. MELO, J. J. (Org.). **Comunicação e transição democrática**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.
12. MELO, J. M. **Comunicação: direito à informação**. Campinas: Papirus, 1986.
13. MILANESI, L. **O que é biblioteca**. 4 ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.
14. MORIN, E. **Para sair do século XX**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
15. OLIVEIRA, E. C. P. **O bibliotecário e sua auto-imagem**. São Paulo: Pioneira; Brasília: INL, 1983.
16. PIGNATARI, D. Informação, linguagem, comunicação. 7 ed., São Paulo: Cultrix. 1986.
17. SARACEVIC, T. Tecnologia da informação, sistemas de informação como utilidade pública. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 3, n. 1, p. 57-67, 1974.

18. SHERA, J. H. **The foundations of education for librarianship.** New York: Becker and Hayes, 1972.
19. SILVA, R. P. Q. **Temas básicos em comunicação.** São Paulo: Paulinas, 1983.
20. SOARES, O. M. R.G., OLIVEIRA, S. M. A biblioteca como sistema de comunicação. **R. Com. Social**, Fortaleza, v. 15, n. 1, p. 97-109, 1985.
21. VIEIRA, A. S. Repensando a biblioteconomia. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 12, n.2, p. 81-85, jul./dez. 1983.
22. XIFRAS-HERAS, J. **A informação; a análise de uma liberdade frustrada.** Rio de Janeiro: Lux; São Paulo: EDUSP, 1975.
23. ZEMAN, J. Significado filosófico da noção de informação. In: O CONCEITO de informação na ciência contemporânea. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970. p. 154-168.